

Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Platformization of work and intersectionality: challenges and inequalities in contemporary times

Gustavo Carneiro¹

João Pedro Ferreira Perin²

Douglas Alexandre Santos Silva³

Janete Marlene Silva Rosales⁴

A emergência das empresas-plataforma de trabalho abre um novo leque de questões para a pesquisa sociológica. Fenômenos como a experiência dos/as trabalhadores/as e suas formas de *ganhar a vida* diante desse novo modelo de intermediação, bem como os significados que lhe atribuem; o impacto das plataformas em termos das velhas e novas desigualdades do mercado de trabalho brasileiro, incluindo o papel das mídias digitais e empresas intermediárias de emprego como infraestrutura desse mercado; o modo como incidem nas trajetórias laborais dos/as trabalhadores/as; a invisibilidade e a precariedade estrutural do trabalho feminino e racializado que a plataformização aprofunda; a sobreposição entre espaço doméstico e espaço produtivo que dela decorre; a formação de subjetividades e condutas mediada pelos algoritmos; o avanço da plataformização sobre setores tradicionalmente não associados à uberização,

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0746245271947813>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9978-2692>. E-mail: gust.anversa@gmail.com

² Doutorando em regime de cotutela pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e pelo Conservatoire national des arts et métiers – Laboratoire Interdisciplinaire pour la Sociologie Économique (CNAM-LISE). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6043529633287444>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7045-7397>. E-mail: joao.perin@estudante.ufscar.br

³ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de São Paulo (PPGS/USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1444580949681142>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9588-9919>. E-mail: silva.douglasantos@gmail.com

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3909446208502381>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8264-6566>. E-mail: janetesilvaros1331@gmail.com



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

como o trabalho docente, e as desigualdades de gênero que esse processo acirra; além, é claro, das estratégias de legitimação social e cultural dessas empresas nos cenários em que têm se estabelecido. Tais questões sintetizam parte significativa do esforço investigativo em curso nos diversos ramos das ciências sociais sobre o tema, e é em torno delas que se organizam os artigos reunidos neste Dossiê.

O trabalho realizado por meio de plataformas é organizado e distribuído de maneira heterogênea e intrincada, com maneiras específicas de operação das empresas-plataforma, especialmente em relação ao controle algorítmico, à gestão do processo de trabalho e aos modelos de intermediação do trabalho, ou seja, a conexão entre trabalhadores/as e clientes. Além disso, é importante entender como essas práticas são percebidas, significadas e mobilizadas de maneiras distintas entre os trabalhadores/as. Se, por vezes, a precarização se apresenta de forma explícita, em outras, o trabalho plataformizado surge como uma possibilidade promissora. Ao mesmo tempo, nos diversos setores nos quais avança a plataformização, impõe-se a exigência de operar uma série de aplicativos, cujos termos e políticas de uso variam entre si. Impõem-se, além disso, diversos critérios de distinção associados a marcadores sociais como raça, classe, gênero, geração e território (Dubal, 2020), que serão continuamente negociados nas dinâmicas de trabalho e de interação social mediadas por essas plataformas.

Se a entrada de tais empresas em atividades tradicionais do mercado de trabalho sugere uma homogeneização das dinâmicas de funcionamento e organização do processo de trabalho, a condição heterogênea do modo de distribuição e organização das plataformas opera como fator que confere especificidade a cada universo laboral. Assim, na atividade de delivery, enquanto os *motoboys* experimentam uma transição do mercado formal celetista para o plataformizado (Abílio, 2019; Moraes, 2008), os emergentes entregadores ciclistas, majoritariamente jovens, negros e moradores de periferias urbanas, provêm dos estratos ocupacionais mais precários e se configuram como um grupo heterogêneo, com trajetórias, práticas e sentidos do trabalho distintos dos *motoboys* (Oliveira, 2024; Perin, 2024; Silva, 2025). Por sua vez, atividades historicamente estigmatizadas, informais e situadas nas fronteiras entre o lícito e o ilícito,



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

como o trabalho sexual, podem apresentar-se como uma alternativa relativamente atraente para determinados segmentos da juventude ao oferecerem uma forma mais segura, autônoma e regulada de exercer essa atividade, alterando o status social da profissão (Caminhas, 2020). Já nas heterogêneas plataformas de trabalho doméstico, encontram-se pesquisas iniciais sobre o modo como certos modelos de intermediação operam com base numa discriminação racial e etária das trabalhadoras (Corrêa, 2023), além daquelas que atestam a reprodução de desigualdades de gênero tradicionalmente presentes nesta atividade (Guimarães et al., 2016).

Essas pesquisas demonstram como as plataformas digitais exploram as crises ligadas à reprodução social, intensificando e perpetuando as desigualdades inerentes a essas atividades. Ao mesmo tempo, evidenciam a interação entre o trabalho reprodutivo e as novas modalidades de assalariamento, agora viabilizadas pelas plataformas digitais. Tais achados indicam que os perfis e trajetórias sociais dos/as trabalhadores/as são uma dimensão fundamental para a compreensão das especificidades do funcionamento das plataformas, bem como do modo como estas reproduzem e reconfiguram desigualdades que há muito estão enraizadas no mercado de trabalho brasileiro. Dessa forma, a particularidade com que as empresas-plataforma operam nas mais diversas atividades sobre as quais avançam articula-se diretamente ao lugar que essas funções ocupam na divisão social – sexual e racial – do trabalho e aos sujeitos que se dedicam a elas.

Esse cenário evidencia como as plataformas reformulam formas consolidadas de dominação no setor de serviços, em que a força de trabalho é historicamente marcada pela sobreposição de raça e gênero. Longe de romper com essa herança, as empresas-plataforma não apenas operam sobre esses marcadores sociais, como também generalizam para o conjunto dos trabalhadores técnicas de gestão e vigilância que, até então, incidiam de modo mais concentrado sobre a mão de obra feminina e racializada. Tal dinâmica demonstra que gênero e raça são vetores fundamentais da segmentação dos mercados de trabalho formal, aprofundada pelas plataformas, o que evidencia a necessidade de refletir sobre tais transformações por meio de uma investigação da



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

reprodução sistêmica do capitalismo, expandindo o eixo das análises exclusivamente centradas nos termos da relação salarial.

Nesse sentido, pensar a plataformização a partir de uma perspectiva interseccional (Collins & Bilge, 2021; Crenshaw, 1989) – ou consubstancial, ao modo de Kergoat (2010) – visa destacar como os marcadores sociais da diferença, enquanto identidades sociais, revelam e complexificam uma estrutura multifacetada de poder que ampara a operação de todo um ecossistema de plataformas de trabalho. Compreende-se, assim, que as experiências no mundo do trabalho plataformizado são vividas de maneiras distintas, conforme as articulações de identidades sociais, o que ressalta as nuances culturais desse fenômeno. Essa abordagem pode oferecer *insights* relevantes sobre a plataformização do trabalho, ao explicitar como as infraestruturas digitais se conectam a discursos dominantes e desigualdades sociais pregressas (Christian *Et Al.*, 2020; Webster e Zhang, 2022).

Nesse contexto heterogêneo, é possível falar em “culturas de plataforma” (Steinberg et al., 2025), que emergem de relações sociais complexas e são moldadas pela interação entre usuários, identidades, algoritmos, práticas laborais, consumo, produção de conteúdo, além das políticas e estruturas próprias das plataformas. Diante dos desafios de categorização, quantificação e mensuração do impacto dessas novas configurações no mundo do trabalho, esse cenário tem incentivado as ciências sociais a ampliar e aprofundar seus estudos sobre o tema. Por essa razão, abre-se um debate que, por sua própria natureza, demanda o cruzamento entre abordagens teóricas e empíricas diversas. É nesse espírito que se inserem os artigos apresentados a seguir.

O presente dossiê se inicia com a entrevista da socióloga e economista franco-portuguesa Léa Lima, professora-pesquisadora do Conservatoire National des Arts et Métiers/Laboratoire Interdisciplinaire pour la Sociologie Économique (CNAM/LISE). Sua trajetória acadêmica desenvolve-se na interface entre a economia e a sociologia do trabalho, o que fez com que ela adquirisse o que denomina um “duplo olhar”⁵ sobre o

⁵ As aspas neste parágrafo assinalam falas literais da Prof.^a Dra. Léa Lima, extraídas da entrevista que abre este dossiê. Trata-se de material inédito, cuja íntegra está disponível no texto original desta publicação.



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

trabalho e o mercado de trabalho. Léa Lima constrói, a partir de seu doutorado, uma agenda de pesquisa centrada nas políticas de integração de jovens no mercado de trabalho, por meio de uma comparação entre França e Canadá. Posteriormente, essa agenda converge com uma investigação sobre o mercado de trabalho brasileiro, na qual identifica um cenário bastante distinto do francês e canadense. A realidade do Brasil chama sua atenção, na medida em que serviços públicos de emprego são pouco proeminentes, diante da forte presença de agências privadas que operam “sem regulação, sem regras e sem lei”. Ao situar esse debate em uma perspectiva comparativa entre Brasil e França, Lima reflete sobre como o mercado de trabalho é construído por diferentes atores em relação constante, como esses atores operam por meio de dispositivos que constroem a própria circulação de informações sobre trabalhadores e empregos e, além disso, como os marcadores sociais da diferença se reafirmam e se atualizam nesse processo. Por fim, a análise sobre a “desnacionalização dos mercados de trabalho” promovida por atores globalizados como o Indeed⁶, nos oferece um quadro conceitual que ressoa diretamente com os artigos que compõem este Dossiê.

O artigo **“Mantendo a base e ganhando a vida com entregas on-line: problemas domésticos e economias em uma distribuidora no Leste Fluminense”**, de Ana Raquel Rosa do Couto, examina as relações entre casa e negócio em uma distribuidora familiar de entregas *online* na região metropolitana do Rio de Janeiro, acompanhando etnograficamente uma motogirl e seu marido enquanto articulam práticas de cuidado doméstico e a gestão de uma base logística operada a partir da própria casa da família. Mobilizando uma triangulação entre as antropologias das mobilidades, do dinheiro e da casa, a autora parte dos sentidos nativos de *ganhar a vida*, compreendidos, a partir de Álvarez & Perelman (2020), como “as maneiras em que as pessoas produzem formas de garantir aquilo que consideram uma vida digna” (Fernández Álvarez & Perelman, 2020, p. 7), para mostrar como a plataforma organiza tempos, fluxos e moralidades no cotidiano desses interlocutores. A casa surge no artigo não como espaço secundário ou

⁶ Empresa americana que atua como agregadora de vagas de emprego.



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

privado, mas como “lócus privilegiado” onde os usos do dinheiro expressam moralidades e hierarquias e onde os “problemas domésticos” se entrelaçam continuamente com as demandas algorítmicas das plataformas Mercado Livre, Amazon, Shopee e Total Express. A análise da divisão generificada do trabalho na base logística evidencia que, sobre a trabalhadora motogirl, recai não apenas o trabalho de entrega, mas também a gestão cotidiana da casa, das finanças e das relações familiares, configurando uma realidade em que “ganhar a vida e manter a casa” se tornam uma tensão única e indissociável.

O artigo **“Representações sobre a profissionalização do trabalho doméstico no Instagram: experiências de diaristas e narrativas de influenciadores digitais”**, de Maria Júlia Tavares Pereira, analisa a consolidação do Instagram como um espaço fundamental para a produção e circulação de novas narrativas acerca do trabalho doméstico remunerado, destacando o papel desempenhado por influenciadores digitais na disseminação de discursos de profissionalização e empreendedorismo. A partir de uma abordagem metodológica exploratória, que combina entrevistas com diaristas, etnografia digital e observação de grupos de *WhatsApp*, a autora investiga os processos de ressignificação identitária vivenciados por essas trabalhadoras, evidenciando a transição da figura da diarista tradicional para a identidade profissional de *personal cleaner*. Inserido nos debates sobre plataformização do trabalho, subjetivação neoliberal e empresariamento de si, o estudo demonstra como práticas associadas ao *marketing digital*, à gestão da imagem e ao posicionamento de marca são mobilizadas como estratégias de distinção e valorização individual em um segmento historicamente marcado pela precarização das relações laborais. A análise evidencia a centralidade do trabalho emocional e da performatização da rotina profissional na construção de vínculos de confiança com potenciais clientes, ao mesmo tempo em que revela o papel das plataformas digitais como infraestruturas sociotécnicas que reorganizam as formas de inserção e de reconhecimento dessas trabalhadoras no mercado. A autora problematiza os limites do denominado “empreendedorismo da faxina”, argumentando que, embora a visibilidade proporcionada pelas plataformas digitais possa ampliar o reconhecimento social e produzir formas de valorização simbólica do trabalho doméstico, a promessa de



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

mobilidade social baseada no desempenho individual frequentemente obscurece a persistência das desigualdades estruturais e dos mecanismos históricos de desvalorização que continuam a conformar esse campo ocupacional no Brasil.

O artigo **“A invisibilidade do trabalho em cozinhas: plataformização, divisão sexual do trabalho e o trabalho feminino no iFood”**, de Júlia Zenni Lodetti, problematiza a invisibilidade estrutural do trabalho desenvolvido em cozinhas de *delivery* vinculadas ao *iFood*, tendo como objeto de análise a experiência de cozinheiras-proprietárias atuantes em Florianópolis. Ancorada em uma perspectiva qualitativa orientada pelo materialismo histórico, a pesquisa examina de que modo as plataformas digitais, para além de sua dimensão tecnológica, reconfiguram e aprofundam formas historicamente constituídas de exploração e precarização associadas ao trabalho feminino e às atividades de reprodução social. Nesse contexto, destaca-se a figura das “chefs sem glamour”, categoria analítica que expressa a condição de trabalhadoras responsáveis, simultaneamente, pelas atividades de produção, gestão, administração e comercialização de alimentos. Inseridas em espaços híbridos, nos quais se dissolvem as fronteiras entre trabalho produtivo e doméstico, essas mulheres experimentam uma crescente sobreposição entre vida privada e atividade econômica. A pesquisa demonstra que a promessa de autonomia e empreendedorismo difundida pelas plataformas frequentemente se converte em modalidades de autogerenciamento subordinado, caracterizadas pela intensificação das jornadas laborais, pela transferência de riscos econômicos, pelo endividamento e pelo desgaste físico e emocional das trabalhadoras. Ao incorporar uma perspectiva interseccional, a análise evidencia que os impactos da precarização plataformizada são distribuídos de maneira desigual, incidindo de forma mais intensa sobre mulheres negras e jovens, para as quais o trabalho em cozinhas de *delivery* se apresenta, muitas vezes, como uma alternativa diante das limitações impostas por um mercado de trabalho marcado por desigualdades estruturais.

O artigo **“Plataformização do Trabalho Docente na Amazônia Paraense durante a Pandemia da Covid-19: choro, criança e panela de pressão”**, de autoria de Ádima Farias Rodrigues Monteiro, Iara Monteiro Moraes e Robert Damasceno Monteiro



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

Rodrigues, analisa como a plataformização do trabalho, impulsionada pelo ensino remoto, intensificou desigualdades de gênero e de renda já existentes na educação básica. Por meio de uma pesquisa socioantropológica com abordagem etnográfica, marcada pela posição de “nativa-etnógrafa” da primeira autora (que atuava como professora no período), o texto evidencia a omissão do Estado durante a transição para os meios virtuais. Ao não fornecer a infraestrutura necessária, o governo governou pela “escassez”, transferindo os custos logísticos para os professores, que precisaram arcar com a compra de equipamentos e pacotes de internet, o que frequentemente gerou endividamento. A pesquisa também destaca que a desigualdade digital espelhava exclusões sociais mais profundas, como a fome, levando as aulas a migrarem de plataformas oficiais para adaptações precárias no *WhatsApp*, ao tempo em que transformava a casa dos professores em local de trabalho, misturando o exercício docente à dinâmica doméstica de “choro, criança e panela de pressão”. As desigualdades de gênero atravessam todo esse processo, tendo sido instrumentalizadas pelo Estado como elemento de gestão da crise. As autoras demonstram como as atividades de cuidado, sejam aquelas da própria vida pessoal das docentes, sejam aquelas exigidas pela enorme carga de trabalho emocional demandada pela saúde mental dos estudantes, recaíram de forma desproporcional sobre as professoras.

O artigo **“Espontaneidade e Interesse: A formação de condutas nas plataformas digitais de transporte”**, de Antônio Olegário Ferreira Neto e Marden Campos, discute o processo de formação de condutas no cotidiano de trabalho dos motoristas de aplicativo em Minas Gerais, analisando como os algoritmos atuam como agentes de socialização da força de trabalho. Os autores investigam como práticas coletivas e formas de se portar são produzidas por meio da interação reiterada com a interface digital. Mobilizando o conceito de “socialização” o texto propõe a categoria central de “Envolvimento pelo Trabalho”, que descreve o fenômeno de enredamento em que a vontade pessoal do trabalhador e as prescrições algorítmicas se confundem rotineiramente. A análise revela que mecanismos de gamificação e sistemas de avaliação não operam no vácuo, mas interagem com padrões de socialização prévios de gênero, raça



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

e classe, típicos da periferia do capitalismo, que naturalizam o trabalho por conta própria e o desejo masculino de “viver sem patrão”.

O artigo **“Delivery de beleza: a experiência de manicuras com a plataformização dos serviços de beleza”**, de Lucia Mendes Cucchieri, analisa as percepções de manicuras sobre os eixos de autonomia e controle no trabalho mediado por plataformas digitais, a partir de uma pesquisa qualitativa com profissionais que atuam na cidade de São Paulo. Utilizando uma metodologia que combina entrevistas semiestruturadas com a coleta de dados digitais da Unique — a maior plataforma de serviços de beleza do Brasil —, a autora investiga como a plataformização se estabelece em um setor caracterizado por uma força de trabalho majoritariamente feminina e por relações laborais historicamente precárias. Apoiando-se em discussões sobre a divisão sexual do trabalho e o gerenciamento algorítmico, o texto explora a ambiguidade entre a promessa de liberdade e a subordinação a mecanismos de controle, como a gamificação e a figura das “administradoras ocultas”, que atuam como um “panóptico algorítmico” para introjetar a vigilância nas trabalhadoras. A análise revela que, embora as manicuras reconheçam os mecanismos de monitoramento e as políticas de punição, elas identificam no aplicativo uma autonomia de horários superior à dos salões de beleza tradicionais, o que possibilita a conciliação entre o trabalho remunerado e as demandas de trabalho doméstico e de cuidado. Assim, o trabalho plataformizado surge no artigo como um “complemento de agenda” e um recurso para garantir rendimentos, evidenciando uma realidade em que a flexibilidade é valorizada sobretudo em contraste com as precariedades enfrentadas no mercado de trabalho convencional.

Esperamos que as contribuições reunidas neste dossiê estimulem a reflexão sobre a plataformização do trabalho de forma integrada aos marcadores sociais da diferença. A diversidade dos universos empíricos abrangidos pelos artigos aqui apresentados permite refletir sobre uma enorme variedade de estratégias e mecanismos de gestão, vigilância e controle algorítmico que incidem não apenas sobre a atividade laboral, mas sobre a própria vida, o tempo e a subjetividade dos trabalhadores e trabalhadoras. Diante deste panorama em constante transformação que desafia as ciências sociais, esperamos que



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

este esforço incentive debates acadêmicos cada vez mais fecundos e aprofundados sobre as complexas relações de poder que amparam o ecossistema das plataformas de trabalho.

Referências

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: do empreendedorismo ao autogerenciamento subordinado. **Psicoperspectivas**, v. 18, n. 3, p. 41-51, 2019.

CAMINHAS, Lorena. Plataformas digitais e a reestruturação dos mercados erótico-sexuais brasileiros. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 44., 2020, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.: s.n.], 2020.

CHRISTIAN, Aymar Jean et al. Platforming intersectionality: networked solidarity and the limits of corporate social media. *Social Media + Society*, v. 6, n. 3, 2020.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2021.

CORREA, Patricia Santiago de Medeiros. Plataforma Odete: reconfigurações do trabalho doméstico remunerado em tempos de uberização. In: ENCONTRO NACIONAL DA ABET, 17., 2023, [S.l.]. **Anais [...]**. [S.l.: s.n.], 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the intersection of race and sex**: a Black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. *University of Chicago Legal Forum*, p. 538-554, 1989.

DUBAL, Veena. A brief history of the gig. **Logic Magazine**, n. 10, 2020.

FERNÁNDEZ ÁLVAREZ, María Inés; PERELMAN, Mariano. Perspectivas antropológicas sobre las formas de ganarse la vida. **Cuadernos de Antropología Social**, n. 51, p. 7-21, 2020.

GUIMARÃES, Nadya Araujo; BRITO, Murillo Marschner Alves de; BARONE, Leonardo Sangali. Mercantilização no feminino: a visibilidade do trabalho das mulheres no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 31, n. 90, p. 17-38, 2016.

KERGOAT, Danièle. Dinâmica e consubstancialidade das relações sociais. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 86, p. 93-103, 2010.

MORAES, Thiago Drumond et al. **Coletivo de trabalho e atividade dos motoboys: gênero profissional, saberes operatórios e riscos da atividade de trabalho**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

OLIVEIRA, C. D. **"Qual o valor da entrega?"**: experiências de jovens trabalhadores e trabalhadoras em plataformas digitais de delivery. 2024. 303 f. Tese (Doutorado em



Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade

Gustavo Carneiro, João Perin, Douglas Silva e Janete Rosales

Educação) – Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2024. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/20.500.14289/19836>.

PERIN, João Pedro Ferreira. **"A gente se vira nas entregas"**: experiências de trabalho dos cicloentregadores à luz do discurso empreendedor. 2024. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.

SILVA, Douglas Alexandre. **Juventude, gênero e processo de trabalho**: a experiência dos cicloentregadores com as plataformas de delivery. 2025. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/D.8.2025.tde-19052025-095532>.

STEINBERG, M.; ZHANG, L.; MUKHERJEE, R. Platform capitalisms and platform cultures. **International Journal of Cultural Studies**, v. 28, n. 1, p. 21-29, 2025.

WEBSTER, Natasha A.; ZHANG, Qian. Intersectional understandings of the role and meaning of platform-mediated work in the pandemic Swedish welfare state. **Digital Geography and Society**, v. 3, p. 100025, 20

Data de recebimento: 01 de julho de 2026

Data de aceite: 07 de julho de 2026

Como citar este artigo de acordo com a ABNT:

CARNEIRO, Gustavo; PERIN, João Pedro Ferreira; SILVA, Douglas Alexandre Santos; ROSALES, Janete Marlene Silva. Plataformização do trabalho e interseccionalidade: desafios e desigualdades na contemporaneidade. **Áskesis**, v. 15, n. 1, p. 08-18, jan./jun., 2026. DOI: 10.14244/2238-3069.2026/53.